

2010/08/19

A DEFESA ANTI-MÍSSIL. PRIORIDADE PARA A NATO?

Alexandre Reis Rodrigues

Uma nova arquitectura de defesa anti-míssil, a desenvolver e gerir em conjunto pelos aliados e pela Rússia é um dos temas em que o actual secretário-geral da NATO, Anders Fogh Rasmussen, mais tem insistido. Não me admiraria se a versão de conceito estratégico, que Rasmussen está a preparar para apresentar às capitais em Setembro, incluir uma referência específica a este assunto, possivelmente no campo do relacionamento com a Rússia, não obstante estar anunciado que o documento será reduzido, portanto, genérico.

O tema é obviamente atractivo, por três razões principais.

Primeira, a defesa anti-míssil é uma das áreas onde, através da Aliança, os europeus em colaboração com os EUA, podem desenvolver em conjunto um sistema de defesa colectivo que de outra forma lhes ficaria muito menos acessível, quer em termos financeiros, quer sob o ponto de vista da investigação já feita e do desenvolvimento das tecnologias aplicáveis. O que servir os interesses directos de defesa da Europa no campo da defesa anti-míssil, em princípio serve indirectamente os interesses americanos. O inverso, porém, pode não ser exactamente o mesmo; o segmento europeu da defesa anti-míssil que os EUA previam construir na Polónia e República Checa, à margem da NATO, não daria cobertura a toda a Europa. A construção de um sistema no âmbito da NATO funcionará como um novo vínculo do relacionamento transatlântico, mas não é seguro, como veremos adiante, que os EUA algum dia o vejam como substituto do seu próprio sistema.



Segunda, o Irão continua a desenvolver um potencial em mísseis balísticos que, a prazo, pode alcançar toda a Europa. Os europeus precisam de se preparar para esta possibilidade de ameaça, independentemente da forma como evoluir o programa de construção de armas nucleares iraniano; fica sempre em aberto a hipótese de utilização de ogivas convencionais ou químicas e biológicas. A própria Rússia que se tem mostrado relutante a subscrever a avaliação que o Ocidente geralmente faz da potencial ameaça iraniana, começou a mostrar-se mais pronta a reconhecer a situação. A possível falta de precisão que geralmente se atribui ao sistema de guiamento com que estão equipados os mísseis iranianos não altera a situação.

Terceira, o envolvimento da Rússia é desejável tanto em termos políticos como em termos técnicos. Se houver acordo para a participação de Moscovo no desenvolvimento do projecto, estará aí uma excelente base inicial de alargar a cooperação a outras áreas e, a partir daí, construir uma arquitectura de defesa da Europa que envolva a Rússia. Presume-se que esta é a ideia central do pensamento de Rasmussen. Em termos técnicos de cobertura radar, a participação da Rússia tem também uma dimensão muito relevante; a maior de todas é a que fornece o radar de Gabala (a funcionar sob um acordo com o Azerbaijão, válido presentemente até Janeiro de 2012) que, com o seu alcance de 6000 quilómetros, cobre a Índia, o Irão, Iraque, Paquistão, Turquia e partes da China. [1]

Nikolai Sokov, do Monterey Institute of International Studies, [2] identifica três vantagens específicas do envolvimento russo: os radares russos a norte do Irão têm uma localização ideal para cobrir a realização de testes e controlar lançamentos; a participação russa, retirando à iniciativa o carácter exclusivamente ocidental, tornará o projecto mais aberto a outras participações que podem trazer importantes mais-valias; finalmente, Moscovo ficará claramente colocado no campo anti-Irão o que, além de clarificar posições, será mais promissor do que o seu envolvimento na aplicação de sanções. [3]

Não obstante todos estes aspectos positivos, há muitos sectores de opinião que encaram com grande cepticismo qualquer próxima evolução substantiva deste assunto. Aparentam-se três tipos principais de dificuldades.

Primeiro, o da transferência tecnológica e intercâmbio de informações (partilha de dados). Os EUA e a Rússia acordaram a criação de um centro conjunto para a troca de dados fornecidos por sistemas

de aviso antecipado e de notificações de lançamentos de mísseis, assunto que é objecto de um Memorando de Entendimento assinado pelas partes em 2000 mas que continua sem concretização. Esta situação exemplifica bem as dificuldades de cooperação neste tipo de assuntos sensíveis quando não existe um clima de confiança mútua. As questões de transferência de tecnologia põem-se em termos muito semelhantes, quer por razões comerciais de que o lado que investiu mais em Investigação/Desenvolvimento não quererá abdicar, quer por razões de segurança (transparência do modo de funcionamento e revelação de eventuais pontos fracos ou limitações). O assunto é conhecido mesmo no seio da NATO, entre aliados; não se estranhe, portanto, que ocorra no relacionamento com a Rússia, com a agravante da perspectiva de uma possível subsequente transferência para terceiros (China é a principal preocupação).

Segundo, a questão da exigência de um processo de tomada de decisão operacional para fazer as intercepções num curtíssimo intervalo de tempo. Não se vê como esta condição será realizável se o sistema assentar numa organização multinacional em que nenhum Estado membro tem autonomia de decisão; este assunto é sensível mesmo no estrito âmbito da NATO, conforme ficou patente na relutância dos EUA em dar à Aliança um papel operacional no funcionamento do segmento europeu do seu escudo antimíssil, então previsto instalar na Polónia e na República Checa.[4]

Terceiro, a exigência russa de participação implica a sua integração completa (sem qualquer restrição) nas três vertentes de funcionamento do sistema: aviso antecipado, processo de decisão de intercepção e operação geral do sistema. Por outro lado, Moscovo concebe o sistema apenas sob a dimensão europeia, como substituto de qualquer outra iniciativa americana ou da NATO; dificilmente aceitará colaborar enquanto, na sua perspectiva, o projecto americano se lhe afigurar “open-ended”, portanto, passível de evoluir para uma dimensão que possa pôr em causa a dissuasão nuclear russa. Ao contrário da administração Bush que encarava a participação russa apenas como complementar e nunca como substituta dos sistemas americano e NATO, o Presidente Obama já não descreve as iniciativas que os EUA têm previsto desenvolver na Europa como o «third national missile-defence site». Esta circunstância ajudará a criar um melhor clima de discussões mas não removerá, só por si, as exigências e objecções prevaletentes.

Se esta avaliação das possibilidades de progresso na construção de um sistema conjunto de defesa anti-míssil envolvendo a Rússia está correcta - eu penso que está - então é preciso ponderar e esclarecer o que deve ter prioridade.

Se é a construção do sistema de defesa, dada a premência da ameaça iraniana, então a pretensão de inclusão da Rússia, que tornará a sua evolução muito mais complexa e demorada e não é indispensável, pode ter que ser abandonada em favor de um progresso mais rápido.

Se é o relacionamento com a Rússia que deve ter precedência sobre tudo o mais, então teremos que aceitar que o processo de aquisição desta capacidade de defesa evolua sob as contingências de um diálogo político que tarda em se tornar aberto e é incerto.

O novo conceito estratégico da NATO, ou os documentos que o desenvolverão nos aspectos de detalhe, deverão esclarecer o que deve ser feito.

[1] Nikolai Sokov, “Missile Defence: Towards Practical Cooperation with Russia”, Survival, Aug/Sep 2010.

[2] Na Califórnia, onde é Senior Research Associate. Sokov trabalhou no Ministério dos Negócios Estrangeiros da USSR (depois Rússia) entre 1987 e 1992, participando nas negociações do START I e START II.

[3] Nikolai Sokov, “Missile Defence: Towards Practical Cooperation with Russia”, Survival, Aug/Sep 2010.

[4] Richard Weitz, “Illusive Visions and Practical Realities: Russia, NATO and Missile Defence”, Survival, Aug/Sep 2010.

129 TEXTOS RELACIONADOS:

2012/05/23

AS DECLARAÇÕES FINAIS DA CIMEIRA DE CHICAGO

Alexandre Reis Rodrigues

2012/05/20

AS RELAÇÕES OTAN-FEDERAÇÃO RUSSA

Pedro Santos Jorge[1]

2012/05/14

“SMART DEFENCE” NA CIMEIRA DE CHICAGO

Alexandre Reis Rodrigues

2012/05/05

A CIMEIRA DE CHICAGO E O RELACIONAMENTO TRANSATLÂNTICO

Alexandre Reis Rodrigues

2012/04/07

A DEFESA ANTIMÍSSIL NA EUROPA, DEPOIS DE LISBOA

Alexandre Reis Rodrigues

2012/03/24

A CIMEIRA DE CHICAGO: RUMO AO FUTURO

Pedro Santos Jorge[1]

2011/10/14

A NATO E A PCSD DA UE, NO PÓS LÍBIA

Alexandre Reis Rodrigues

2011/07/22

DISSUAÇÃO SEM ARMAS NUCLEARES? (II)

Alexandre Reis Rodrigues

2011/05/24

A EXPANSÃO DA OTAN NA ÁSIA E SUAS IMPLICAÇÕES (RÚSSIA, CHINA E ÍNDIA)

Arthur Sá Anunciação[1]

2011/04/25

ESTRATÉGIA DA NATO E SEGURANÇA MARÍTIMA[1]

Nuno Sardinha Monteiro[2]

2011/04/16

A INTERVENÇÃO DA NATO NA LÍBIA. FICÇÃO?

Alexandre Reis Rodrigues

2011/01/17

A EVOLUÇÃO DA POSTURA ESTRATÉGICA DA NATO[1]

Alexandre Reis Rodrigues

2010/12/09

O CONCEITO ESTRATÉGICO DA NATO À ESPERA DA REUNIÃO DE MINISTROS DA DEFESA EM JUNHO[1]

Alexandre Reis Rodrigues

2010/11/26

O REGRESSO DO NUCLEAR E A ALIANÇA ATLÂNTICA (II PARTE)

Francisco Proença Garcia[1]

2010/11/25

O REGRESSO DO NUCLEAR E A ALIANÇA ATLÂNTICA (I PARTE)

Francisco Proença Garcia[1]

2010/11/16

A NATO E PORTUGAL. ALINHAMENTOS PARA UM NOVO CONCEITO ESTRATÉGICO DA ALIANÇA

Luís Brás Bernardino[1]

2010/11/07

As “NOVAS MISSÕES” DA NATO[1]

Alexandre Reis Rodrigues

2010/10/18

RÚSSIA, PARCEIRO INDISPENSÁVEL?

Alexandre Reis Rodrigues

2010/10/09

A SEGURANÇA ENERGÉTICA DA EUROPA E A NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2010/09/24

O NOVO CONCEITO ESTRATÉGICO DA NATO. DUAS QUESTÕES POLÉMICAS[1]

Alexandre Reis Rodrigues

2010/09/21

OTAN 2020 – REFORÇO DA DEFESA COLECTIVA E AFIRMAÇÃO DA SEGURANÇA COOPERATIVA – O MODELO POSSÍVEL, NECESSÁRIO OU DE TRANSIÇÃO?

Rui Ribeiro Vieira[1]

2010/09/17

PORTUGAL, A NATO, O ATLÂNTICO SUL E O BRASIL

João Brandão Ferreira

2010/08/26

DA DEFESA ANTI-MÍSSIL DE TEATRO PARA A DEFESA ANTI-MÍSSIL DA EUROPA

Alexandre Reis Rodrigues

2010/08/11

O QUE SERÁ VENCER NO AFGANISTÃO?

Alexandre Reis Rodrigues

2010/05/18

O RELATÓRIO ALBRIGHT

Alexandre Reis Rodrigues

2010/03/22

AS ARMAS NUCLEARES DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2010/03/15

AS RELAÇÕES NATO/UE

Alexandre Reis Rodrigues

2010/01/25

UCRÂNIA, O FIM DA REVOLUÇÃO LARANJA

Alexandre Reis Rodrigues

2009/12/20

A PROPOSTA RUSSA PARA UMA NOVA ARQUITECTURA DE SEGURANÇA EUROPEIA

Alexandre Reis Rodrigues

2009/11/14

COMPROMISSOS BRASILEIROS COM A GLOBALIZAÇÃO: AS OPERAÇÕES DE PAZ?

Oliveiros S. Ferreira (Brasil)

2009/09/21

O ESCUDO DE PROTECÇÃO ANTIMÍSSIL E A QUESTÃO IRANIANA

Alexandre Reis Rodrigues

2009/09/17

INTERNATIONAL SECURITY AND NATO[1]

Inês de Carvalho Narciso

2009/09/14

A «AFEGANIZAÇÃO» DA ESTRATÉGIA DA ISAF

Alexandre Reis Rodrigues

2009/09/01

AS ARMAS NUCLEARES E A REVISÃO DO CONCEITO ESTRATÉGICO DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2009/07/28

O NOVO CONCEITO ESTRATÉGICO DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2009/05/14

Os GRANDES DESAFIOS DA NATO[1]

Victor Marques dos Santos[2]

2009/05/13

A NATO[2]

Francisco Proença Garcia[1]

2009/05/10

ARSENALS NUCLEARES: UMA CHANCE PARA O MUNDO

Marcelo Rech[1] (Brasil)

2009/04/07

A SOLUÇÃO POLÍTICA PARA O AFGANISTÃO E A UE

Alexandre Reis Rodrigues

2009/03/12

O DILEMA NORTE-AMERICANO NA EUROPA

Marcelo Rech[1](Brasil)

2009/02/27

As FORÇAS ARMADAS RUSSAS DEPOIS DA INTERVENÇÃO NA GEÓRGIA

Alexandre Reis Rodrigues

2009/02/01

QUO VADIS NATO? – Os GRANDES REPTOS PARA A ALIANÇA

Luís Falcão [1]

2008/10/24

RÚSSIA - A DOCTRINA MEDVEDEV

Alexandre Reis Rodrigues

2008/10/10

Os TALIBÃS DE VOLTA A CABUL

Alexandre Reis Rodrigues

2008/10/01

A NATO, A UCRÂNIA E A ESQUADRA RUSSA DO MAR NEGRO

Alexandre Reis Rodrigues

2008/09/15

A NATO E O CONFLITO NA GEÓRGIA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/09/06

A TURQUIA E O CONFLITO NA GEÓRGIA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/08/27

ATÉ ONDE IRÁ A RÚSSIA, DEPOIS DA GEÓRGIA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/08/20

A GEÓRGIA E O RELACIONAMENTO DO OCIDENTE COM A RÚSSIA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/08/14

Os ACONTECIMENTOS NO CÁUCASO E OS JOGOS OLÍMPICOS

Luís Falcão

2008/08/11

GEÓRGIA: MAIS LONGE DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2008/07/15

ESCUDO ANTIMÍSSIL: A GUERRA DO ESPAÇO ESTÁ SE TRANSFORMANDO NA GUERRA DOS OLEODUTOS

Rodrigo Cintra[1] (Brasil)

2008/05/14

A “NOVA” RÚSSIA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/04/26

OS SISTEMAS LOGÍSTICOS NAS ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS

Pereira de Melo[1]

2008/04/09

A CIMEIRA DE BUCAREST E O “ALARGAMENTO” DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2008/03/07

QUE ESTRATÉGIA SEGUIRÁ A RÚSSIA NA INDEPENDÊNCIA DO KOSOVO?

Alexandre Reis Rodrigues

2008/02/25

A SOMA DE TODOS OS MEDOS?

Marcelo Rech[1] (Brasil)

2008/02/12

A INDEPENDÊNCIA DO KOSOVO: UMA PERDA ESTRATÉGICA PARA A EUROPA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/02/01

QUE ESPERAR DA CIMEIRA DE BUCAREST?

Alexandre Reis Rodrigues

2008/01/14

OS INTERESSES DOS ESTADOS UNIDOS NA ÁSIA CENTRAL

Daniela Siqueira Gomes [1]

2008/01/02

AS IMPLICAÇÕES DO SISTEMA NORTE-AMERICANO DE DEFESA ANTIMÍSSIL PARA A EUROPA

Joana Gonçalves, Milena Batista, Sofia Alves e Tiago Maurício

2007/12/28

PORQUE ESTÁ EM CAUSA O TRATADO CFE

Alexandre Reis Rodrigues

2007/12/27

RÚSSIA SUSPENDE PARTICIPAÇÃO NO TRATADO DE FORÇAS CONVENCIONAIS DA EUROPA

Marcelo Rech[1]

2007/12/21

KOSOVO. MAIS UM COMPASSO DE ESPERA!

Alexandre Reis Rodrigues

2007/12/12

A MELHOR FORMA DE COMEMORAR OS 60 ANOS DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2007/11/21

O TRIÂNGULO EUA/ RÚSSIA/IRÃO

Alexandre Reis Rodrigues

2007/10/21

DARFUR: O SILÊNCIO E A ESPERANÇA DA ÚLTIMA FRONTEIRA

Francisco José Leandro

2007/10/18

A PRETEXTO DA CIMEIRA DO MAR CÁSPIO

Alexandre Reis Rodrigues

2007/10/16

UM RADAR PARA "ASSAR" EUROPEUS?

Marcelo Rech[1]

2007/10/11

A GEÓRGIA E A NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2007/10/04

A RÚSSIA PÓS PUTIN

Alexandre Reis Rodrigues

2007/09/17

UCRÂNIA. ELEIÇÕES DENTRO DE DUAS SEMANAS

Alexandre Reis Rodrigues

2007/09/17

AFEGANISTÃO FORA DE CONTROLE

Marcelo Rech[1]

2007/08/08

OCEANO ÁRTICO: A ÁRDUA DISPUTA RUSSA PELAS RIQUEZAS NATURAIS DA REGIÃO.

Gilberto Barros Lima [1]

2007/08/03

RÚSSIA DECLARA MORATÓRIA AO TRATADO DE REDUÇÃO DAS FORÇAS CONVENCIONAIS NA EUROPA

Marcelo Rech[1]

2007/07/29

A VERTENTE DE MANUTENÇÃO DA PAZ DA NATO: UMA DUPLICAÇÃO DO PAPEL DAS NAÇÕES UNIDAS?

Nélia Rosário Ribeiro

2007/07/26

DE UMA FORMA OU DE OUTRA

Alexandre Reis Rodrigues

2007/07/11

A CIMEIRA DA LAGOSTA E O ESCUDO DE PROTECÇÃO ANTIMÍSSIL

Alexandre Reis Rodrigues

2007/06/28

UMA CHANCE À RÚSSIA[1]

Marcelo Rech[2]

2007/06/25

A DEFESA COLECTIVA DA EUROPA. RESPONSABILIDADE DA NATO? (II PARTE)

Alexandre Reis Rodrigues

2007/06/09

A PROPOSTA “IRRECUSÁVEL” DE PUTIN PARA A DEFESA ANTIMÍSSIL DA EUROPA

Alexandre Reis Rodrigues

2007/06/05

O SUCESSOR DE PUTIN

Alexandre Reis Rodrigues

2007/05/25

A HERANÇA ALEMÃ PARA A PRESIDÊNCIA PORTUGUESA DA UE

Alexandre Reis Rodrigues

2007/05/19

A DEFESA COLECTIVA DA EUROPA: RESPONSABILIDADE DA NATO?[1]

Alexandre reis Rodrigues

2007/05/15

OS OBJETIVOS REAIS DO SISTEMA ANTIMÍSSIL NORTE-AMERICANO NA EUROPA

Marcelo Rech [1]

2007/05/01

AS RELAÇÕES RUSSO-AMERICANAS

Alexandre Reis Rodrigues

2007/04/19

THE TALIBAN THREAT IS NOT JUST AMERICA'S BURDEN[1]

Robert Hunter[2]

2007/04/01

A DEFESA ANTIMÍSSIL NA EUROPA. UM PROBLEMA PARA A PRESIDÊNCIA PORTUGUESA DA UE?

Alexandre Reis Rodrigues

2007/03/21

SOPRAM MAUS VENTOS NO IRÃO

Alexandre Reis Rodrigues

2007/03/09

UMA NOVA GUERRA FRIA?

Alexandre Reis Rodrigues

2007/03/04

A DEFESA ANTIMÍSSIL DOS EUA ENCONTRA RESISTÊNCIAS NA EUROPA

Marcelo Rech[1]

2007/02/20

UMA PARCERIA COM A RÚSSIA. É POSSÍVEL PARA O CURTO PRAZO?

Alexandre Reis Rodrigues

2006/12/11

A DEFESA ANTI-MÍSSIL E A SEGURANÇA DA EUROPA[1]

Marcelo Rech[2]

2006/10/27

A GEÓRGIA E A NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2006/10/26

A CAMINHO DE RIGA, PELO AFGANISTÃO[2]

Miguel Moreira Freire[1]

2006/10/04

A EUROPA NOS PLANOS DOS ESTADOS UNIDOS

Marcelo Rech[1]

2006/09/20

ENERGIA - QUESTÃO CANDENTE DE SEGURANÇA?

Alexandre Reis Rodrigues

2006/09/11

O IMPASSE AFEGÃO

Alexandre Reis Rodrigues

2006/07/30

LA OTAN Y LA TRANSFORMACION[1]

Miguel Fernández y Fernández (Alm. da Marinha de Espanha)

2006/07/20

AFEGANISTÃO. A HISTÓRIA VAI REPETIR-SE?

Alexandre Reis Rodrigues

2006/07/18

O FUTURO DA NATO

António Borges de Carvalho

2006/07/17

A CIMEIRA DA NATO EM RIGA

Alexandre Reis Rodrigues

2006/04/27

A SEGURANÇA ENERGÉTICA

Alexandre Reis Rodrigues

2006/01/22

EXISTEM FORÇAS PARA AS MISSÕES?

João Nuno Barbosa

2006/01/22

CONVÉM NÃO PERDER CAPACIDADES

João Nuno Barbosa

2006/01/14

COMENTÁRIO SOBRE O ARTIGO “ENERGIA. A “NOVA” ARMA DE PUTIN”

Luísa Meireles

2006/01/12

ENERGIA. A “NOVA” ARMA DE PUTIN

Alexandre Reis Rodrigues

2005/12/18

É TEMPO DE MUDAR! DIZ AZNAR.

Alexandre Reis Rodrigues

2005/11/29

NATO OU PESD? OU AMBAS?

Alexandre Reis Rodrigues

2005/11/01

UCRÂNIA. A CAMINHO DA NATO?

Alexandre Reis Rodrigues

2005/10/06

O QUE FARIAM OS EUROPEUS SEM A NATO?

Alexandre Reis Rodrigues

2005/07/25

O ESCUDO DE DEFESA ANTI-MÍSSIL EUROPEU

Alexandre Reis Rodrigues

2005/07/15

A DES(ILUSÃO) DO SISTEMA ANTI-MÍSSIL AMERICANO

Vera Gomes

2004/12/13

A NOVA OTAN?

Maria João Militão Ferreira

2004/09/08

DE NOVO O ESCUDO DE PROTECÇÃO ANTI-MÍSSIL [1]

Alexandre Reis Rodrigues

2004/08/10

A NATO E A CIMEIRA DE ISTAMBUL

Alexandre Reis Rodrigues

2004/04/08

O ALARGAMENTO DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2004/04/08

O ALARGAMENTO DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2004/03/24

O ESCUDO DE PROTECÇÃO ANTI-MÍSSIL

Alexandre Reis Rodrigues

2004/03/16

A NATO E O MÉDIO ORIENTE

Alexandre Reis Rodrigues

2004/01/07

A TRANSFORMATION EN LA OTAN

Almirante SPN Miguel A. Fernández y Fernández (SACLANTREPEUR)

2003/12/03

A FORÇA DE RESPOSTA DA NATO (V)

Alexandre Reis Rodrigues

2003/11/11

A FORÇA DE RESPOSTA DA NATO (IV)

Alexandre Reis Rodrigues

2003/10/27

AS CRISES DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2003/10/20

A FORÇA DE RESPOSTA DA NATO (III)

Alexandre Reis Rodrigues

2003/10/09

A FORÇA DE RESPOSTA DA NATO (II)

Alexandre Reis Rodrigues

2003/10/08

A FORÇA DE RESPOSTA DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2001/10/12

O ESCUDO DE DEFESA ANTIMÍSSIL

Alexandre Reis Rodrigues

2001/07/31

MISSILE DEFENSE INITIATIVE

Alexandre Reis Rodrigues